

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – UNIEVANGÉLICA
CURSO DE MEDICINA

**A INTERNET COMO FONTE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE
PARA PACIENTES DE UMA UNIDADE DE SAÚDE PÚBLICA
DE ANÁPOLIS, GOIÁS**

Ana Carla Martins Rodrigues

Gabriela Cavalcante de Lima

Leonardo Oliveira Coelho

Lorena de Oliveira Silva

Salomão Antônio de Oliveira

Talita Guilarde Torres

Anápolis, Goiás

2018

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – UNIEVANGÉLICA

CURSO DE MEDICINA

**A INTERNET COMO FONTE DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE
PARA PACIENTES DE UMA UNIDADE DE SAÚDE PÚBLICA
DE ANÁPOLIS, GOIÁS**

Trabalho de Curso apresentado à disciplina de
Iniciação Científica do Curso de Medicina da
UniEVANGÉLICA, sob a orientação do Prof. Ms.
Denis Masashi Sugita.

Anápolis. Goiás

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO DO TRABALHO DE CURSO
(NÃO IMPRIMIR)

RESUMO

A presença de computadores, assim como, o acesso à internet nos domicílios cresceu nos últimos anos. A partir disso, o uso da internet para pesquisar assuntos relacionados à saúde aumentou proporcionalmente. Sabe-se que a internet, ao mesmo tempo que expõe os usuários a informações úteis, difunde conteúdos de qualidade científica questionáveis. Dessa forma, o presente estudo teve por objetivo identificar o perfil dos pacientes que procuram informação de saúde na internet, em uma instituição de saúde pública de Anápolis, no período de janeiro de 2018 a março de 2018, e se essa busca influencia no processo saúde-doença. Trata-se de um estudo transversal, descritivo, de abordagem qualitativa e quantitativa, que analisou a busca de informações de saúde na internet pelos pacientes do Ambulatório Universitário Central, por meio de uma pesquisa de campo realizada mediante entrevista estruturada. Foram entrevistados 344 pacientes, destes, 307 atenderam aos critérios de inclusão. Cerca de 65% dos pacientes já pesquisaram sobre saúde doença. Neste grupo, houve prevalência do gênero feminino (71,7%), faixa etária de 40 a 50 anos (34,7%), ensino médio completo (34,7%), renda de 1 a 2 salários mínimos (34,2%), ausência de comorbidades e pouca utilização do Sistema Único de Saúde. Doenças específicas próprias foi o tema mais procurado em 32,2% dos participantes. Observou-se que 55,3% e 71,9% dos entrevistados pesquisaram sobre o motivo que os levou a procurar atendimento antes e depois da consulta, respectivamente. Em outros trabalhos já publicados, também houve prevalência do gênero feminino, sobretudo mães, por terem maior tendência de ansiedade e preocupação com doenças de filhos e parentes. Além disso, houve compatibilidade quanto ao nível de escolaridade, que se justifica pela maior facilidade de acesso e entendimento das informações apresentadas na internet. Diferentemente de outros trabalhos, destacou-se maior prevalência da pesquisa naqueles com menor renda salarial e pacientes sem comorbidades. Estes achados constituem aporte relevante para a complementação da literatura científica referente ao uso da internet pelos pacientes, já que esta é um meio potencial para a criação de plataformas digitais em saúde que estimulem a troca de experiências das diversas etapas impostas no processo saúde-doença, desde o diagnóstico até a reabilitação. Nesse contexto, torna-se necessário orientar, em caráter preventivo, a maneira adequada de alcançar fontes científicas confiáveis.

Palavras-Chave: Internet. Comportamento de busca de informação. Informática em saúde

ABSTRACT

The presence of computers, as well as, the access to the internet in the homes has grown in the last years. From this, the use of the Internet to research subjects related to health increased proportionately. It is known that the Internet, while exposing users to useful information, diffuses questionable scientific quality content. Therefore, the present study aimed to identify the profile of patients seeking health information on the Internet at a public health institution in Anápolis, from January 2018 to March 2018, and whether this search influences the health-disease process. It is a cross-sectional, descriptive, qualitative and quantitative study that analyzed the search for health information on the internet by patients from the Central University Ambulatory, through a field survey conducted through a structured interview. A total of 344 patients were interviewed, of these, 307 met the inclusion criteria. About 65% of patients have already researched about health-illness. In this group, there was a prevalence of female gender (71.7%), age group of 40 to 50 years (34.7%), complete secondary education (34.7%), income of 1 to 2 minimum wages (34,2%), absence of comorbidities and little use of the Unified Health System. Specific self diseases were the most wanted topic in 32.2% of the participants. It was observed that 55.3% and 71.9% of the interviewed searched for the reason that led them to seek care before and after the consultation, respectively. In other studies already published, there was also a prevalence of female gender, especially mothers, as they had a greater tendency to anxiety and concern for diseases of children and relatives. In addition, there was compatibility regarding the level of schooling, which is justified by the greater ease of access and understanding of the information presented on the internet. Differently from other studies, higher prevalence of research was observed in those with lower wage income and patients without comorbidities. These findings constitute a relevant contribution to complement the scientific literature regarding the use of the internet by patients, since this is a potential medium for the creation of digital health platforms that stimulate the exchange of experiences of the various stages imposed in the health-disease process, from diagnosis to rehabilitation. In this context, it is necessary to guide, on a preventive basis, the adequate way to reach reliable scientific sources.

Keywords: Internet. Behavior of information search. Health informatics.

SUMÁRIO

RESUMO	4
ABSTRACT	5
1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REVISÃO DE LITERATURA	8
2.1 Perfil dos usuários do ciberespaço	8
2.2 Fatores que influenciam na busca de informação de saúde na internet	9
2.3 Vantagens e desvantagens da pesquisa de saúde na internet.....	10
3. OBJETIVOS.....	11
3.1. Objetivo geral	11
3.2. Objetivos específicos.....	11
4. METODOLOGIA.....	11
4.1 Tipo de estudo.....	11
4.2 Fonte de dados	11
4.3 População e amostra.....	12
4.4 Procedimento de coleta de dados.....	12
4.5 Aspectos éticos.....	13
4.6 Metodologia de análise de dados	13
5. RESULTADOS	13
6. DISCUSSÃO.....	19
7. CONCLUSÃO.....	24
8. REFERÊNCIAS	25
9. APÊNDICE	27
10. ANEXO.....	30

1. INTRODUÇÃO

O ano de 1995 marcou o início do uso comercial da internet no Brasil, momento em que a rede passou de privilégio de Universidades e setores privados da sociedade a posse popular. Desde então, seu acesso tem crescido em território nacional, acompanhado da tendência de recorrer à internet como considerável fonte de informação (MORETTI; OLIVEIRA; SILVA, 2012).

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, mais da metade da população brasileira já tinha acesso à internet, nesse mesmo ano. Entre os anos de 2005 e 2015, a porcentagem de pessoas em uso da rede aumentou em 36,6%, dado que demonstra o potencial de alcance da internet aos cidadãos brasileiros (IBGE, 2017).

Dessa forma, a presença de computadores em domicílios cresceu em poucos anos, em detrimento do acesso em instituições formais como escolas e ambientes de trabalho. A internet possui características inerentes que favorecem esse fenômeno, como disponibilidade de conteúdo diversificado, entrada anônima e veloz e meios de alcance acessíveis, fato evidenciado pela fabricação de dispositivos portáteis como *tablets* e *smartphones* (MORETTI; OLIVEIRA; SILVA, 2012).

Significativa parcela da população, nesse contexto, emprega a rede como meio de comunicação, numa provável substituição às conversas telefônicas, ao fax e às cartas, por exemplo. Além da função de troca de mensagens e comunicação, a internet também é útil para aqueles que buscam entretenimento como ouvir músicas, assistir filmes e acessar redes sociais (COSCARELLI, 2017).

Com isso, o usuário é constantemente exposto a informações novas de maneira indireta através de anúncios, postagens e compartilhamentos de dados. Por outro lado, há a busca ativa de informações, por meio dos sites de busca, prática em que o usuário procura por dados pertinentes para finalidades pré-estabelecidas (COSCARELLI, 2017).

Nesse aspecto, houve aumento proporcional na busca ativa por informações sobre saúde e doença na internet, tanto por pacientes quanto por profissionais da saúde. Cidadãos passaram a ter acesso a práticas de prevenção e promoção da saúde fomentadas principalmente por órgãos governamentais. Em outro cenário, pessoas com determinados acometimentos de saúde procuram por ajuda virtual, seja por meio do compartilhamento da história da doença vivenciada, seja pelo acesso a depoimentos de recuperação (LUQUE e BAU, 2015).

Fenômenos negativos como difusão de conteúdos sem critérios de qualidade e massificação dos assuntos médicos também ocorrem e determinam que inúmeras informações provenham de fontes não confiáveis, desenvolvendo conclusões sem fundamento científico, relacionadas com causas e sintomas de determinada doença, condutas acerca do uso de medicações, tratamento, entre outros conhecimentos (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL, 2009).

Desta forma, este trabalho se justifica, pois o uso dessa fonte de dados na busca de informações em saúde-doença é crescente e, ao mesmo tempo que expõe os usuários a informações úteis, difunde conteúdos de qualidade científica questionáveis, que podem levar a condutas precipitadas e/ou indevidas, relacionadas a diagnóstico, tratamento e prognóstico de determinada doença (AL-JEFRI et al., 2018).

O presente estudo teve por objetivo identificar o perfil dos pacientes que procuram informação de saúde na internet, em Anápolis, no período de janeiro de 2018 a março de 2018, a fim de compreender, de maneira mais detalhada, o cenário exposto, considerando a escassa literatura entre a procura de informações médicas na internet e o público pesquisado.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Perfil dos usuários do ciberespaço

As buscas por informações são influenciadas por fatores individuais, como idade, estado socioeconômico, etnia e cultura. O nível de educação de cada indivíduo foi um dos aspectos influenciadores na busca de informações na internet. Pessoas com um maior nível de escolaridade apresentaram baixa morbidez das doenças mais comuns, agudas ou crônicas, uma vez que esse grupo é mais tendencioso a praticar exercícios e adquirir o cuidado preventivo da saúde. O melhor grau de educação reflete também em maior entendimento sobre áreas da saúde, ocasionando melhor acesso a informações, esclarecimento da sua doença, comunicação do seu estado de saúde e participação das decisões médicas (FEINBERG et al., 2016).

A fim de estabelecer o perfil dos indivíduos que buscam informações de saúde no ciberespaço, Bujnowska-Fedak (2015) realizou estudo, na Polônia, e Beck et al. (2014), na França, a partir dos quais, definiram uma maior prevalência entre jovens, mulheres e também aqueles que possuíam maior nível de escolaridade. O primeiro destacou, ainda, o bom estado de saúde, a presença de doença crônica na família, a baixa frequência de visitas ao médico e o fato de residir em cidade grande como fatores determinantes desse perfil, assim como o

aumento progressivo de pessoas entre 50 e 64 anos que acessam essas informações. Já na França, houve taxas maiores, também entre os cargos de administração e entre mulheres com algum distúrbio psicológico, que estão grávidas ou que são mães, e, ressaltou-se que são os jovens que buscam fontes mais confiáveis, já que são mais desconfiados em relação à qualidade dessas informações (BECK et al., 2014; BUJNOWSKA-FEDAK, 2015).

Diferentemente desses estudos, na China, o gênero e a presença de comorbidades não apresentaram associação com a busca de informação de saúde na internet. Entretanto, observou-se que a faixa etária mais jovem com alta escolaridade, maior renda e residência urbana eram preditores significativos para busca por informações de saúde na internet (HONG; ZHOU, 2018).

No Brasil, esse perfil se estende também àqueles que nunca ou raramente utilizaram o Sistema Único de Saúde ou que possuem entre 2,25 e 4,5 salários mínimos. Além disso, é apresentado o conhecimento da língua inglesa à nível básico como um facilitador de maiores informações, uma vez que muitos materiais, como artigos e publicações de grande importância são divulgados nesse idioma (MORETTI; OLIVEIRA; SILVA, 2012).

A ansiedade é uma entidade também encontrada nos usuários que mais buscam por informações de saúde na internet e um dos principais fatores que desencadeiam a “cibercondria”, caracterizada como o medo infundado de que sintomas inespecíficos indiquem uma doença grave. Desse modo, apresentam-se como aspecto desse distúrbio, maior dependência da internet, ansiedade exagerada desencadeada pela busca de informações no meio virtual e, intensificação e persistência dos problemas de saúde. As consequências das buscas incessantes podem incluir o aumento das preocupações devido a uma interpretação errada de dados médicos ou da incapacidade de assimilar informações positivas, além de associar-se a níveis reduzidos de bem-estar e autoestima (IVANOVA, 2013).

2.2 Fatores que influenciam na busca de informação de saúde na internet

Dentre os principais estímulos que levam os usuários de internet à buscarem informações sobre saúde, pode-se citar a facilidade de acesso a incontáveis informações sobre a saúde e a insatisfação com os sistemas de saúde, repletos de burocracia, longas filas de espera e centrados em um modelo excessivamente biomédico (BUJNOWSKA-FEDAK, 2015). Os principais temas pesquisados são tratamento médico, informações gerais sobre doenças, causas e sintomas, informações sobre medicamentos, consequências potenciais de tratamentos, busca por especialistas e diagnóstico de doenças (GOOGLE, 2008). Além disso, a busca por apoio e

informações em fóruns e grupos de autoajuda para alívio, esclarecimento e acolhimento para a saúde, tanto do usuário, quanto dos familiares apresentam também alta prevalência (FROSSARD; DIAS, 2016; HONG; ZHOU, 2018).

Outra pesquisa apontou que o processo saúde-doença, em geral, é o tema mais pesquisado, seguido de saúde infantil, doenças específicas, comportamentos e notícias de saúde. (BECK et al., 2014). Entre as doenças específicas, as psiquiátricas estão entre as mais buscadas, seguidas das doenças neurológicas e dermatológicas (COHEN; ELHADAD; BIRK, 2013).

2.3 Vantagens e desvantagens da pesquisa de saúde na internet

A internet tem se mostrado uma fonte de informação em saúde de grande relevância para a população e tal cenário tem sido motivo de grande preocupação, devido à inconfiabilidade das informações cedidas em *websites*, páginas de grupos, *blogs* e comunidades online. Ademais, os usuários estão vulneráveis a informações que possuem conflito de interesses, como fontes comerciais que promovem tratamentos potencialmente ineficazes ou outros tipos de falsas informações de saúde (AL-JEFRI et al., 2018). Além disso, esse novo comportamento dificulta, muitas vezes, a atuação do médico frente a pacientes com informações incertas buscadas na internet (MORETTI; OLIVEIRA; SILVA, 2012).

A pesquisa de informações de saúde na internet também pode levar ao aumento da busca por profissionais de saúde, além de ser um hábito comum entre os pacientes após a consulta médica. Entretanto, mesmo o paciente utilizando a informação com o médico, não houve mudança do tratamento ou interferência na conduta do médico (SILVESTRE et al., 2012).

O advento na área da saúde, entretanto, apresentou também pontos positivos, uma vez que a interatividade e a ampla variabilidade de informações possibilitam melhor atenção à saúde e a comunicação mais direta com seu médico, permitindo um cuidado centrado no paciente mais rápido e eficiente. Esse cuidado é o componente-chave de uma assistência médica de alta qualidade, e é através dele que paciente e médico decidem em conjunto as decisões relacionadas à sua saúde. Para isso, a internet mostra-se como uma rica fonte de informações que habilitam o enfermo a ler, escutar, questionar e supor conclusões sobre sua doença, e participar do processo saúde-doença (FEINBERG, 2016).

Todos estes dados são relevantes, devido à grande quantidade de conteúdo duvidoso e inconsistente ofertada no ciberespaço. Observou-se que apenas 30% das pessoas que fazem buscas online sobre saúde marcam, posteriormente, uma consulta médica. Com base nisso, é

notável que os usuários se encontrem mais predispostos a realizarem o autodiagnóstico e a automedicação (MORETTI; OLIVEIRA; SILVA, 2012).

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

Identificar o perfil dos pacientes que procuram informação de saúde na internet, em Anápolis, no período de janeiro de 2018 a março de 2018.

3.2. Objetivos específicos

- Reconhecer o perfil epidemiológico (faixa etária, gênero, escolaridade, comorbidades, renda salarial, frequência de uso do SUS, frequência de uso da internet) dos pacientes que pesquisam sobre saúde doença na internet;
- Analisar a influência da pesquisa de informação na internet na busca por atendimento médico;
- Apontar os temas mais procurados referentes ao processo saúde-doença;
- Relacionar a pesquisa na internet com a automedicação.

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e de abordagem qualitativa e quantitativa, com o propósito de analisar o perfil dos pacientes que utilizam a internet como fonte de informação em saúde, a influência dessa busca na procura médica e quais são as informações mais buscadas nesta área.

4.2 Fonte de dados

O trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa de campo com os usuários do Ambulatório Universitário Central (AUC), no período de janeiro de 2018 a março de 2018, após assinatura da Declaração de Coparticipação Institucional conferida pelo representante institucional, conforme normas do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UniEvangélica.

O AUC possui como principal objetivo a formação dos profissionais da área médica, além de possibilitar maior acessibilidade nos atendimentos e serviços médicos para a população. A unidade realiza atendimentos de onze especialidades diferentes. São eles: cardiologia, pneumologia, ginecologia, gastroenterologia, reumatologia, hematologia, dermatologia, endocrinologia, neurologia, nefrologia e pediatria.

4.3 População e amostra

O AUC ofereceu assistência, de janeiro de 2017 a março de 2017, à 1176 indivíduos. Considerando esta população e a proporção de usuários de internet que procuraram informação relacionadas à saúde ou a serviços de saúde, no Centro-Oeste, segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2016), de 48%, entre novembro de 2015 e junho de 2016, o cálculo da amostra, utilizando a fórmula proposta por Fontelles et al. (2010), com intervalo de confiança de 95% e erro amostral 5%, obtém-se uma amostra da pesquisa de 298 indivíduos.

Os critérios de inclusão adotados foram: ser paciente do AUC e maiores de 18 anos. Os critérios de exclusão foram: questionários não preenchidos completamente, discordância com o TCLE, menores de 18 anos e analfabetismo.

4.4 Procedimento de coleta de dados

Os dias de coleta foram agendados com os representantes institucionais responsáveis pela coordenação de ensino e pesquisa, e teve início em janeiro de 2018.

Os participantes da pesquisa foram recrutados na sala de espera da própria instituição de trabalho e abordados pelos pesquisadores responsáveis. Os que concordaram em participar da pesquisa assinaram o TCLE e foram submetidos a um questionário elaborado para atender os objetivos do estudo, utilizando-se dois questionários pré-existentes elaborados pelos autores Bujnowska-Fedak (2015) e Beck (2014), adaptados pelos discentes responsáveis pelo presente trabalho.

No questionário adaptado (APÊNDICE 1) solicitou-se informações referentes aos itens: idade, sexo, escolaridade, renda salarial, antecedentes familiares patológicos, antecedentes pessoais patológicos, frequência de busca de informação de saúde na internet, quando foi realizada a última busca relacionada à saúde, quais foram os temas de saúde pesquisados e sobre a consulta ao médico após efetuar busca na internet.

4.5 Aspectos éticos

O presente estudo, de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) para análise e foi aprovado com o Número de Parecer: 2.387.472 (ANEXO 1)

Cada participante foi esclarecido sobre o tema do estudo e informado de que em momento algum teria sua identidade mencionada, bem como do direito de desistência da pesquisa a qualquer momento que desejar. Os que concordaram em participar da pesquisa assinaram o TCLE. O participante não teve nenhuma despesa e nenhum tipo de remuneração em participar da pesquisa.

4.6 Metodologia de análise de dados

Foi realizada estatística descritiva na forma de média, desvio-padrão, frequência simples e percentual. Os dados foram tabulados pelo software Microsoft Excel[®] de forma a permitir a análise dos dados qualitativos e quantitativos. Os dados foram expressos como frequência e porcentagem. Para verificar a associação entre as variáveis categóricas foi utilizado o teste Qui-quadrado de Pearson, se necessário a correção Likelihood Ratio. Foi considerado um $p < 0,05$. Os dados foram analisados no software Statistical Package Social Science (SPSS Statistics Desktop 25.0.0.0).

5. RESULTADOS

Foram entrevistados 344 pacientes do AUC, dentre os quais, 307 questionários atenderam aos critérios de inclusão. Destes, houve predomínio do sexo feminino, correspondendo a 216 (70,4%) pacientes. Além disso, a faixa etária mais prevalente foi entre 40 e 50 anos, com 79 (25,7%) pessoas, seguida dos indivíduos entre 29 e 39 anos, que totalizaram 65 (21,2%) entrevistados. Em relação à escolaridade, a maior parte, 69 (34,7%), possuía o ensino médio completo, seguido daqueles que possuíam ensino fundamental completo ou incompleto ou ensino superior completo (40, 20,1%, para ambos). A renda familiar apresentou variações relevantes entre os participantes, dentre os quais, 92 (30,0%) e 109 (35,5%) pacientes relataram receber até um salário mínimo e de um a dois salários mínimos, respectivamente.

Entre os entrevistados, 158 (51,5%) possuíam comorbidades que os levavam à realização regular de consultas. Em relação à frequência que o paciente utiliza o Sistema Único

de Saúde (SUS), houve periodicidade próxima entre aqueles que usavam mensalmente, semestralmente e ocasionalmente, representados por 91 (29,6%), 79 (25,7%) e 82 (26,7%) dos pacientes, nessa ordem.

Entre os entrevistados, 215 (70%) pacientes referiram usar a internet diariamente. Neste grupo, 199 (64,8%) pesquisam sobre o processo saúde-doença na internet e 108 (35,2%) afirmaram não realizar essa busca. Aqueles que não usam a internet para busca de informações médicas, afirmaram, em sua maioria, não ter interesse nesse tipo de informação ou confiar mais no médico do que da internet.

TABELA 1: Perfil dos indivíduos que pesquisam sobre saúde e doença na internet.

	Pesquisa de informação em saúde na internet	
	n	(%)
Faixa Etária		
18-28 anos	48	24,1
29-39 anos	51	25,6
40-50 anos	55	27,6
51-60 anos	29	14,6
Maior que 61 anos	16	8,1
Sexo		
Feminino	155	71,7
Masculino	44	48,3
Escolaridade		
Ensino fundamental completo ou incompleto	40	20,1
Ensino médio incompleto	26	13,1
Ensino médio completo	69	34,7
Ensino superior incompleto	16	8,0
Ensino superior completo	40	20,1

Pós graduação completa ou incompleta	8	4,0
Comorbidades		
Sim	87	43,7
Não	112	56,3
Renda familiar		
< 1 salário mínimo	48	24,0
Igual ou maior que 1 salário mínimo e menor que 2 salários mínimos	68	34,2
Igual ou maior que 2 salários mínimos e menor que 3 salários mínimos	31	15,6
Igual ou maior que 3 salários mínimos e menor que 4 salários mínimos	24	12,1
> 4 salários mínimos	28	14,1
Frequência de uso do SUS		
Semanalmente	14	7,0
Mensalmente	50	25,1
Semestralmente	51	25,6
Anualmente	21	10,6
Ocasionalmente	63	31,7
Frequência do Uso da internet		
Diariamente	173	87,0
Semanalmente	8	4,0
Mensal	8	4,0
Semestralmente	3	1,5
Anualmente	2	1,0
Nunca	5	2,5

Em relação ao perfil de usuários que busca sobre saúde-doença na internet, houve 155 (71,7%) mulheres e 55 (27,6%) participantes na faixa etária dos 40 aos 50 anos. O público que menos realizou pesquisa contou com o gênero masculino, 44 (22,1%) pacientes, e com mais de 60 anos, representando 16 (8,1%) do total de entrevistados (TABELA 1).

TABELA 2 – Relação entre assunto pesquisado na internet e sexo.

	Assunto					Total	Valor p
	DFP n (%)	DEP n (%)	CS n (%)	NSP n (%)	2+ n (%)		
Feminino	41 (26,5)	53 (34,2)	43 (27,7)	11 (7,1)	7 (4,5)	155	< 0,003
Masculino	9 (20,4)	11 (25,0)	16 (36,4)	5 (11,4)	3 (6,8)	44	
Total	50	64	59	16	10	199	

Legenda: doenças de filhos e parentes (DFP), doenças específicas próprias (DEP), comportamentos de saúde (CS), notícias de saúde pública (NSP), duas ou mais alternativas escolhidas (2+). FONTE: autores.

Verificou-se que 64 (32,2%) pacientes buscam informações sobre doenças específicas próprias. Este tema é mais prevalente entre as mulheres, somando 53 (34,2%) entrevistadas. Já no gênero masculino, o assunto mais buscado é sobre comportamentos de saúde (exercício físico, alimentação, prevenção de doenças, gravidez, amamentação) com o total de 16 (36,4%) pacientes (TABELA 2).

TABELA 3 – Relação entre assunto pesquisado e faixa etária.

Idade (Anos)	Assunto					Total	Valor p
	DFP n (%)	DEP n (%)	CS n (%)	NSP n (%)	2+ n (%)		
18-28	12 (25,0)	15 (31,2)	18 (37,5)	2 (4,2)	1 (2,1)	48	< 0,001
29-39	21 (41,2)	11 (21,6)	11 (21,6)	4 (8,3)	4 (8,3)	51	
40-50	10 (18,2)	20 (36,4)	18 (32,7)	3 (5,4)	4 (7,3)	55	
51-60	5 (17,2)	14 (48,3)	6 (20,7)	3 (10,4)	1 (3,4)	29	
> 60	2 (12,5)	4 (25,0)	6 (37,5)	4 (25,0)	0 (0,0)	16	

Total	50 (25,1)	64 (32,2)	59 (29,7)	16 (8,0)	10 (5)	199
--------------	-----------	-----------	-----------	----------	--------	-----

Legenda: doenças de filhos e parentes (DFP), doenças específicas próprias (DEP), comportamentos de saúde (CS), notícias de saúde pública (NSP), duas ou mais alternativas escolhidas (2+). FONTE: autores.

Na faixa etária que mais procura informações na internet (40 a 50 anos), 20 (36,4%) entrevistados buscam sobre doenças específicas próprias. Entre os mais jovens, com idades entre 18 a 28 anos, observou-se que 18 (37,5%) entrevistados pesquisam sobre comportamentos em saúde. Na faixa etária de 29 a 30 anos, 21 (41,2%) participantes pesquisam sobre doenças de filhos e parentes (TABELA 3).

Ao avaliar o nível de escolaridade, 34,7% dos pacientes que cursaram ensino médio completo relataram pesquisar sobre saúde e doença na internet. Já entre aqueles com ensino fundamental completo ou incompleto, 40 (20,1%) realizaram esta prática. Para aqueles que concluíram o ensino superior, a porcentagem foi a mesma, 20,1% (TABELA 1).

A renda entre 1 e 2 salários mínimos foi a que apresentou maior prevalência, representada por 68 (34,2%) pacientes, em contraste aos 24 (12,1%) que ganham entre 3 e 4 salários (TABELA 1).

Verificou-se que 112 (56,3%) pacientes que buscam na internet não possuem comorbidades e aqueles que ocasionalmente usam os serviços oferecidos pelo SUS, aparecem como os que mais procuram informações sobre saúde doença, 63 (31,7%) pacientes. Usuários que utilizam o SUS semanalmente apresentaram menor relação com a pesquisa na internet, 14 (7,0%) pacientes (TABELA 1).

Entre aqueles que pesquisam, 131 (65,8%) pacientes nunca participaram de redes sociais ou fóruns de discussão relacionados à saúde e doença.

TABELA 4 – Faixa etária X pesquisa de medicamentos e automedicação.

Idade (Anos)	Pesquisa de medicamentos		Automedicação		Total	Valor p
	Sim n (%)	Não n (%)	Sim n (%)	Não n (%)		
18-28	47 (97,9)	1 (2,1)	22 (45,8)	26 (54,2)	48	
29-39	41 (80,4)	10 (19,6)	14 (27,4)	37 (72,6)	51	<0,001
40-50	44 (80,0)	11 (20,0)	12 (21,8)	43 (78,2)	55	

51-60	23 (79,3)	6 (20,7)	4 (13,8)	25 (86,2)	29
> 60	13 (81,2)	3 (18,8)	3 (18,8)	13 (81,2)	16
Total	168	31	55	144	199

FONTE: autores.

Ao relacionar a faixa etária com o uso da internet para pesquisar sobre medicamentos, observou-se que 47 (97,9%) indivíduos entre 18 e 28 anos já realizaram esse tipo de busca. A automedicação após pesquisa na internet também está relacionada com pacientes mais jovens, uma vez que 22 (45,8%) entrevistados entre 18 e 28 anos afirmaram que se automedicaram logo depois de buscar sobre determinado fármaco na internet. A automedicação diminuiu à medida que a faixa etária aumentou, contando com apenas 4 (13,8%) indivíduos de 51 a 60 anos (TABELA 4).

TABELA 5 – Sexo X pesquisa de medicamentos e automedicação

	Pesquisa de medicamentos		Automedicação		Total	Valor p
	Sim n (%)	Não n (%)	Sim n (%)	Não n (%)		
Feminino	132 (85,2)	23 (14,8)	43 (27,7)	112 (72,3)	155	<0,001
Masculino	36 (81,8)	8 (18,2)	12 (27,3)	32 (72,7)	44	
Total	168	31	55	144	199	

FONTE: autores.

No que se refere ao gênero, observou-se que 132 (85,2%) mulheres procuram na internet informações relacionadas a medicamentos, enquanto 36 (81,8%) homens realizam esta prática. Notou-se que 43 (27,7%) pacientes do gênero feminino usam as informações obtidas para se automedicar e 12 (27,3%) homens recorrem às fontes pesquisadas para este fim (TABELA 5).

TABELA 6 – Relação entre pesquisa de informação de saúde na internet e consulta médica.

	Sim n (%)	Não n (%)	Valor p
--	--------------	--------------	---------

Antes de ir ao médico	110 (55,3)	89 (44,7)	
Depois de ir ao médico	143 (71,9)	56 (28,1)	<0,001
Ao invés de ir ao médico	45 (22,6)	154 (77,4)	

FONTE: autores.

Observou-se ainda que 110 (55,3%) e 143 (71,9%) entrevistados pesquisaram sobre o motivo que os levou a procurar atendimento antes e depois da consulta ocorrer, respectivamente. A maioria, 154 (77,4%) dos pacientes negaram pesquisar informações de saúde na internet ao invés de consultar-se com o médico (TABELA 6).

Em relação à busca por profissionais que irão atendê-los, 103 (51,8%) pacientes nunca pesquisaram sobre o médico, 69 (34,7%) pesquisam ocasionalmente e 27 (13,5%) sempre pesquisam. Além disso, 131 (65,8%) pacientes nunca participaram de redes sociais ou fóruns de discussão relacionados à saúde e doença.

6. DISCUSSÃO

Em relação aos resultados obtidos, é possível verificar concordância entre a população em estudo e literaturas previamente consultadas, as quais afirmam que a maior parte dos pacientes procura na internet informações sobre diversas variáveis referentes ao processo saúde doença. No entanto, apesar de não representarem maioria no estudo, parcela significativa de entrevistados referiram não realizar tal prática por ausência de interesse ou por não confiar na fonte informada.

O desinteresse relatado pode estar vinculado ao fato de que muitos pacientes não se sentem intimamente impelidos à busca de informações adicionais para a resolução de seu quadro, por já terem sido esclarecidos integralmente sobre suas condições em saúde ou mesmo por preferirem outras fontes de informações como livros e revistas referentes ao tema. Soma-se a isto, o fato de que muitos indivíduos supõem que a maior parte das informações contidas na internet são incompletas ou até mesmo inadequadas, uma vez fornecidas por autores desconhecidos e/ou sites invalidados cientificamente. Tal generalização poderia ser desmistificada caso os pacientes tivessem orientação adequada pelo profissional da saúde que o acompanha, a respeito de como realizar pesquisas fundamentadas em bases científicas,

partindo do pressuposto de que a internet, apesar de conter fontes duvidosas, é ferramenta útil para o paciente que almeja se informar (MORETTI; OLIVEIRA; SILVA, 2012).

Ao levantar o perfil de uso da internet no processo saúde doença, as mulheres são as que mais procuram tais informações, assim como o exposto na literatura utilizada. Estudos concluíram taxas ainda mais elevadas entre mulheres com algum distúrbio psicológico, gestantes ou que já são mães. Associa-se a isso o fato de que os sites de busca são ferramentas fáceis e rápidas para aquelas que lidam com situações estressantes e inúmeras atividades cotidianas. Ademais, as mulheres, como cuidadoras do lar, posicionam-se como cuidadoras do bem-estar próprio e de sua família, especialmente dos filhos, fator que torna a internet via de solução importante para o cenário em que a mulher moderna se encontra (ARAÚJO; PINHO; ALMEIDA, 2005; EVCILI, 2018).

No contexto geral, a maioria dos entrevistados pesquisa sobre doenças específicas próprias. Associado a isso há a necessidade de buscar por medicamentos utilizados e efeitos adversos, tratamento, sinais e sintomas, e esclarecimento sobre sua doença. Outros estudos também demonstraram a alta prevalência das buscas sobre tratamento médico, informações gerais sobre doença, informações sobre medicamentos, consequências potenciais de tratamentos e diagnóstico de doenças (GOOGLE, 2008).

Ainda em relação à pesquisa dos assuntos em saúde, tem-se divergência de resultados entre os gêneros. Mulheres pesquisam mais sobre doenças específicas próprias. Já o gênero masculino, têm mais interesse em assuntos sobre comportamentos de saúde. Nota-se, portanto, que a população feminina possui significativa preocupação com o estado de doença atual e também no âmbito de prevenção e cuidado de outras enfermidades, em concordância com a literatura (BECK et al., 2014; BUJNOWSKA-FEDAK, 2015).

Na análise da faixa etária, encontrou-se maior prevalência na busca de informações sobre saúde e doença na população adulta, principalmente naqueles com idades entre 40 e 50 anos. Outros estudos demonstraram relação semelhante e determinaram que a faixa etária entre 45 e 54 anos é a mais frequente. O dado evidencia que a população neste intervalo etário atualmente tem acessado mais às informações sobre o tema contidas na internet, se comparada com as décadas passadas (BECK et al., 2014; YAMASHITA et al., 2018). A população idosa correspondeu à minoria em todas as pesquisas realizadas. O resultado pode estar vinculado à falta de prática e experiência no funcionamento da internet por parcela significativa de indivíduos neste grupo (BUJNOWSKA-FEDAK, 2015).

Verificou-se relação entre pesquisa sobre comportamentos em saúde, como atividade física, alimentação e prevenção em saúde, com a população mais jovem. Deve-se a isso, o fato de jovens terem preocupações com sua saúde relacionadas a questões estéticas ou pela maior necessidade de esclarecer sobre promoção de saúde, se comparado com indivíduos mais velhos (OLIVEIRA; CARVALHO; MELO, 2016). Para isso, a literatura carece de estudos que demonstrem essa e outras associações entre faixa etária e assuntos mais buscados.

Sobre o nível de escolaridade, observou-se que os dados encontrados estão de acordo com resultados de estudos previamente realizados, que destacaram maior prevalência de busca na internet entre aqueles que possuíam maior nível de escolaridade (BECK et al., 2014; BUJNOWSKA-FEDAK, 2015; FEINBERG, 2016). Sabe-se que a prática de uso da internet requer de seu usuário habilidades básicas de leitura e escrita, fato que pode dificultar o acesso de cidadãos de baixa escolaridade à pesquisa na internet de forma geral.

Uma hipótese a ser levantada para os resultados é a de que quanto maior o grau de escolaridade do indivíduo, maior a variedade de temas procurados, incluindo buscas para alcançar fins específicos como forma complementar aos estudos e à profissão, por exemplo. Sendo assim, uma vez que é um meio já utilizado para outros objetivos, a busca de informação em saúde-doença é facilitada pelas práticas cotidianas dos pacientes com maior nível de escolaridade (SILVESTRE et al, 2012).

A renda predominante dos entrevistados entre 1 e 2 salários mínimos contrapõe os resultados encontrados por pesquisa anterior que definiu o perfil prevalente de pacientes que procuram a internet incluído na renda salarial entre 2,25 e 4,5 salários mínimos (MORETTI; OLIVEIRA; SILVA, 2012). Tal fato se deve a diferença social entre as populações estudadas, sendo o presente estudo dirigido em uma instituição pública de saúde. Além disso, os dados foram incompatíveis com aqueles assinalados pelo estudo de Coscarelli (2017), que demonstrou relação entre maior renda salarial e melhor nível de educação com maior busca e acesso às informações em saúde.

A baixa relação entre a presença de comorbidades e realização frequente de busca na internet, evidenciado no presente estudo, também foi um dado encontrado por Asan et al. (2018) e Hong e Zhou (2018), que concluíram que não existe associação significativa entre essas variáveis. Isso se contrapõe ao estudo de Bujnowska-Fedak (2015), o qual destacou essa associação, ressaltando a vulnerabilidades desses pacientes e a maior busca por terapêuticas alternativas, diagnósticos diferenciais entre outros aspectos inerentes às suas enfermidades, já

que necessitam compreender de maneira integral sua condição de saúde-doença e se empoderar para as tomadas de decisões perante as estratégias propostas pelo médico.

Os pacientes que mais pesquisam informações sobre saúde doença na internet são aqueles que ocasionalmente utilizam o SUS, sem uma periodicidade na busca por atendimento ou outro apoio no sistema de saúde, assim como foi encontrado por Moretti, Oliveira, Silva (2012) que ressaltaram maior prevalência de busca em saúde na internet entre aqueles que nunca ou raramente usam o Sistema Único de Saúde. Mesmo com a diferença dos termos, é possível compará-los, uma vez que, determinam ausência de periodicidade no uso do referido serviço de saúde. Em contraposição, os pacientes que menos buscam sobre essas informações na internet relataram usar o SUS semanalmente.

Apesar da maioria dos entrevistados usarem a internet para esclarecer questões relacionadas à saúde, os dados coletados evidenciaram baixa participação em redes sociais ou fóruns de discussão relacionados ao assunto, assim como demonstrado em estudos prévios. Pode-se justificar este fato pela ausência de iniciativas que fomentem a inclusão dessas plataformas digitais em websites médicos brasileiros (PRIMO et al. 2015)

É fundamentado em pesquisas anteriores que plataformas que estimulam a comunicação entre pacientes que vivenciam ou já vivenciaram determinada condição em saúde, fornecem inúmeros benefícios para o público. Entre eles, pode-se destacar a possibilidade de divulgação de terapêuticas recentes e desconhecidas, até mesmo para regiões geográficas distantes de grandes centros, e compartilhamento de depoimentos verídicos sobre os estágios percorridos durante a enfermidade, desde diagnóstico à resolução do quadro, o que permite a outros pacientes acesso amplo a diferentes experiências. Sob esse aspecto, a criação de redes de discussão voltadas para área da saúde poderia trazer benefícios e ser uma ferramenta de apoio importante no processo de resolução da doença. Esta iniciativa poderia, inclusive, ser fomentada por instituições responsáveis pela divulgação do conteúdo médico assim como por sites voltados para este conteúdo (PRIMO et al. 2015).

A faixa etária evidenciou-se como um fator importante para a pesquisa de medicamentos e a automedicação. Entre os entrevistados, foi possível verificar que os mais jovens tendem a pesquisar mais sobre medicamentos e praticar a automedicação em razão de informações obtidas na internet, especialmente pessoas entre 18 e 27 anos, conhecidos como integrantes da “Geração Y”. Isto ocorre porque o ambiente virtual facilita o acesso às informações sobre sintomas, tratamentos disponibilizados e medicamentos, além de oferecer o serviço de venda online de medicamentos, as chamadas e-pharmacies (BESSEL et al., 2003). Como a Geração

Y é composta por jovens que nasceram em um mundo onde o aparato tecnológico eletrônico é ligado às atividades cotidianas, eles, conseqüentemente, possuem mais acesso a essas informações e estão mais sujeitos à automedicação ou à modificação da prescrição médica (COELHO, COELHO, CARDOSO, 2013; NETO, BARBOSA, MUCI, 2016).

Outra variável relevante na pesquisa de medicamentos e automedicação, além da faixa etária, é o gênero feminino, como já pontuado, sendo aquele que mais busca por informações na internet. No mesmo cenário em que se realizou a análise da procura de informações na internet, a prática também está vinculada à busca por medicamentos. O fato de a internet facilitar a procura sobre medicamentos e conseqüentemente, a automedicação faz com que mulheres sejam aquelas que mais utilizam a rede a fim de resolver, de forma prática, os agravos que aparecem em sua rotina (BUJNOWSKA-FEDAK, 2015).

Ao relacionar a pesquisa de informação de saúde na internet com a procura por consulta médica, os dados encontrados estão de acordo com os estudos de Silvestre et al (2012) e Moretti, Oliveira, Silva (2012), que também afirmaram que a maioria dos entrevistados buscam o médico após fazerem alguma pesquisa relacionada à saúde na internet. Segundo Bastos e Ferrari (2011), isto ocorre porque o paciente tenta se tranquilizar ao buscar ter noções prévias sobre a sua condição ou de algum familiar antes de ir ao médico. Ainda, informações de saúde na internet possibilitam que o paciente conheça melhor sobre o seu estado de saúde e o leve a buscar um profissional. A partir disso, há um aumento da responsabilidade com sua própria saúde, proporcionando maior empoderamento e voz mais ativa em relação às condutas e tratamento (POWELL, DARVELL e GRAY, 2003). Como consequência, ocorre alteração da relação médico-paciente ao retirar o monopólio do conhecimento do profissional de saúde e possibilitar maior questionamento por parte do paciente.

A busca por um médico após a pesquisa de informações de saúde na internet também é influenciada pela ansiedade causada pelos resultados encontrados na web. Isto ocorre principalmente em paciente cibercondríacos, levando-os a procurarem com mais frequência os serviços de saúde (IVANOVA, 2013). E quanto ao uso da internet após consultar o médico, os dados também condizem com o estudo de Silvestre et al (2012), que constatou que uma parcela significativa dos entrevistados pesquisa sobre a sua condição na internet após a consulta. Um dos possíveis motivos para tal, é a baixa qualidade da comunicação médico-paciente, o que resulta em falta de esclarecimentos, informações e perda da confiança por parte do paciente (PEREIRA e AZEVEDO, 2005).

7. CONCLUSÃO

A partir dos dados obtidos no presente estudo, observou-se que pacientes do gênero feminino, faixa etária entre 40 a 50 anos, com ensino médio completo, sem comorbidades, renda salarial entre 1 a 2 salários mínimos, que usam o SUS ocasionalmente e que usam a internet diariamente são aqueles que compõem o perfil epidemiológico dos que mais buscam informações sobre saúde doença na internet. Com esses dados, tornou-se possível interligar a procura pelas informações em questão com as características prevalentes dos pacientes do AUC, definindo seus principais interesses e as circunstâncias que os levam a pesquisar informações médicas na internet.

Outro aspecto relevante é a relação intrínseca da pesquisa na internet com a consulta médica, pois significativa parcela dos pacientes afirma pesquisar informes antes e depois da ida ao médico. Os temas mais procurados pelos pacientes do AUC incluem doenças específicas próprias e comportamentos em saúde. A maior parte dos usuários procuram por informações sobre medicamentos e, em consequência, se automedicam a partir das referências encontradas.

Assim, destaca-se que a procura de informações médicas está vinculada ao contato com o profissional de saúde e a necessidade do médico em atualizar seus conhecimentos periodicamente. Nesse contexto, orientar, em caráter preventivo, a maneira adequada de alcançar fontes científicas confiáveis, torna-se dever pronunciado desses profissionais, principalmente pela elevada taxa de automedicação evidenciada. Tal mudança torna-se essencial visto que aqueles que compartilham de carência assistencial, seja por dificuldade no deslocamento ou pela falta de disponibilidade para procurar o serviço de saúde, tendem a recorrer às medidas mais acessíveis para a solução de agravos, como a internet.

Estes achados constituem aporte relevante para a complementação da literatura científica referente ao uso da internet por parte dos pacientes. É um meio potencial para a criação de plataformas digitais em saúde que estimulem a troca de experiências das diversas etapas impostas desde o diagnóstico de determinada comorbidade até a forma de prevenção terciária. Além disso, este estudo se constitui como meio de complementação do conhecimento científico para aqueles profissionais da saúde que desejem participar e se atualizar do cenário desafiador que a internet tem determinado e, com isso, se prepararem integralmente para lidar com as novidades impostas por esta realidade.

Para isso, a literatura ainda carece de estudos que possam orientar os profissionais e, também os usuários dessa ferramenta virtual, bem como de parâmetros de inspeção de sites que trazem informações sobre saúde, doença e medicamentos.

8. REFERÊNCIAS

AL-JEFRI, M., et al. What is health information quality? Ethical dimension and perception by users. **Frontiers in medicine**, v. 5, n. 260, p. 1-10, 2018.

ARAÚJO, T. M.; PINHO, P. S.; ALMEIDA, M.M.G. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. **Rev. bras. saúde matern. infant**, v. 5, n. 3, p. 337-348, 2005.

ASAN, O., et al. Preferences for Health Information Technologies Among US Adults: Analysis of the Health Information National Trends Survey. **Journal of Medical Internet Research**, v. 20, n. 10, p. 277-285, 2018.

BASTOS, B. G.; FERRARI, D. V. Internet e educação ao paciente. **Arquivos Int. Otorrinolaringol.** (Impr.), São Paulo , v. 15, n. 4, p. 515-522, 2011 .

BECK, F., et al. Use of the Internet as a health information resource among french young adults: Results from a nationally representative survey. **Journal of Medical Internet Research**, Toronto, v.16, n.5, p. 1-13, 2014.

BESSELL, T., et al. Surfing, self-medicating and safety: buying non-prescription and complementary medicines via the internet. **Quality & safety in health care**, v. 12, n. 2, p. 88-92, 2003.

BUJNOWSKA-FEDAK, M. M. Trends in the use of the Internet for health purposes in Poland. **BMC Public Health**, v. 15, n. 194, p. 1-17, 2015.

COELHO, E. Q.; COELHO, A. Q.; CARDOSO, J. E. D. Informações médicas na internet afetam a relação médico-paciente? **Revista Bioética** (Impr.), São Paulo, v. 21, n. 1, p. 142-149, 2013.

COHEN, R.; ELHADAD, M.; BIRK, O. Analysis of Free Online Physician Advice Services. **Plos One**, San Francisco, v. 8, n. 3, p. 1-11, 2013.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. TIC Domicílios 2015: Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo, p. 337, 2016.

COSCARELLI, C.V. Letramento digital no Inaf. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 20, n. 1, p. 154-174, 2017.

EVCILI, F. A study on the relationship between internet use, anxiety levels, and quality of life of Turkish pregnant women. **Perspectives in psychiatric care**, v. 10, n.1, p. 1-6, 2018.

FEINBERG, I., et al. Examining Associations between Health Information Seeking Behavior and Adult Education Status in the U.S.: An Analysis of the 2012 PIAAC Data. **Plos One**, San Francisco, v. 11, n. 2, p. 1-12, 2016.

- FONTELLES, M. J. , et al. Metodologia da pesquisa: diretrizes para o cálculo do tamanho da amostra. **Rev Paran Med**, v. 24, n. 2, p. 57-64, 2010.
- FROSSARD, V. C.; DIAS, M. C. M. O impacto da internet na interação entre pacientes: novos cenários em saúde. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 57, p. 349-361, 2016.
- GOOGLE. O uso da internet no Brasil para pesquisas sobre saúde, doenças e medicamentos. Media Screen; 2008.
- HONG, Y. A.; ZHOU, Z. A profile of eHealth behaviors in China: Results from a national survey show a low of usage and significant digital divide. **Frontiers in public health**, v. 6, n. 35, p. 1-4, 2018.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, 2017. [online] Disponível na internet via WWW URL: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40. Arquivo consultado em 30 de abril de 2017.
- IVANOVA, E. Internet addiction and cyberchondria - Their relationship with Well-Being. **Journal of Education Culture and Society**, Poland, v.1, n. 1, p. 57-10, 2013.
- LUQUE, L. F.; BAU, T. Health and Social Media: Perfect Storm of Information. **Healthcare Informatics Research**, South Korea, v. 21, n. 2, p. 67-73, 2015.
- MORETTI, F. A.; OLIVEIRA, F. E.; SILVA, E. M. K. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? **Rev Assoc Med Bras**, São Paulo, v. 58, n. 6, p. 650-658, 2012.
- NETO, A. P.; BARBOSA, L.; MUCI, S. Internet, geração Y e saúde: um estudo nas comunidades de Manguinhos (RJ). **Comun. & Inf.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 20-36, 2016.
- OLIVEIRA, A.V; CARVALHO, P. A; MELO, S. R. A. Influência da mídia na construção da autoimagem de jovens na sociedade pós moderna: A busca do corpo perfeito. **Anais do Congresso de Iniciação Científica da FEPI**, Itabujá, p. 1-4, 2016.
- PEREIRA, M. G. A.; AZEVEDO, E. S. A relação médico-paciente em Rio Branco/AC sob a ótica dos pacientes. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 51, n. 3, p. 153-157, 2005.
- POWELL, J. A.; DARVELL, M.; Gray, J. A. The doctor, the patient and the world-wide web: how the internet is changing healthcare. **Journal of the Royal Society of Medicine**, v. 96, n. 2, p. 74- 76, 2003.
- PRIMO, C. C., et al. Redes sociais que apoiam a mulher durante a amamentação. **Cogitare Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 422-429, 2015.
- SILVESTRE, J. C. C., et al. Uso da internet pelos pacientes como fonte de informação em saúde e a sua influência na relação médico-paciente. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, v. 56, n. 2, p. 149-155, 2012.
- VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D. As novas tecnologias de autocuidado e os riscos do autodiagnóstico pela Internet. **Rev Panam Salud Publica**, Washington, v. 26, n. 2, p. 172-175, 2009.

YAMASHITA, T., et al. Literacy, Numeracy, and Health Information Seeking Among Middle-Aged and Older Adults in the United States. **Journal of aging and health**, v.1, n.1, p. 1-16, 2018.

9. APÊNDICE

QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DA INTERNET NA BUSCA DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE

1. Idade:
2. Gênero:
 - a) Masculino
 - b) Feminino
3. Qual a sua escolaridade?
 - a) Ensino fundamental completo ou incompleto
 - b) Ensino médio incompleto
 - c) Ensino médio completo
 - d) Ensino superior incompleto
 - e) Ensino superior completo
 - f) Pós graduação completa ou incompleta
4. Você tem alguma doença que o leva a realizar consultas regulares?
 - a) Sim. Qual?_____.
 - b) Não
5. Qual a sua renda familiar?
 - a) Até R\$ 937,00 reais (até 1 salário mínimo)
 - b) Igual ou maior que R\$ 937,00 (1 salário mínimo) e menor que R\$ 1874,00 (2 salários mínimos).
 - c) Igual ou maior que R\$ 1874,00 (2 salários mínimos) e menor que R\$ 2811,00 (3 salários mínimos)

d) Igual ou maior que 2811,00 (3 salários mínimos) e menor que R\$ 3748,00 (4 salários mínimos)

e) Acima de R\$ 3748,00 (4 salários de mínimo)

6. Com qual frequência que você utiliza o SUS?

a) Semanalmente.

b) Mensalmente.

c) Semestralmente.

d) Anualmente.

e) Ocasionalmente.

f) Nunca.

7. Com qual frequência você usa a internet?

a) Diariamente.

b) Semanalmente.

c) Mensal.

d) Semestralmente.

e) Anualmente.

f) Nunca usei a internet.

8. Você utiliza a internet para pesquisar informações sobre saúde doença?

a) Sim (vá para a questão 9)

b) Não (vá para a questão 10)

9. Com qual frequência você usa a internet para pesquisar informação sobre saúde e doença?

a) Semanalmente.

b) Mensalmente.

c) Semestralmente.

d) Anualmente.

e) Ocasionalmente.

f) Nunca.

10. Quais são as razões para você não utilizar a internet como fonte de informação em saúde?
- a) Não tenho acesso à internet.
 - b) Não tenho interesse neste tipo de informação.
 - c) Confio mais no médico do que neste tipo de informação.
 - d) Não confio na informação fornecida pela internet.
 - e) Não sei.
11. Qual o tema que você pesquisa com maior frequência na internet em relação à saúde?
- a) Sobre doenças de filhos e parentes
 - b) Sobre doenças específicas próprias
 - c) Comportamentos de saúde (exercício físico, alimentação, prevenção de doenças, gravidez, amamentação)
 - d) Notícias sobre saúde pública
12. Você usa a internet para pesquisar informações de saúde AO INVÉS de ir ao médico?
- a) Sim
 - b) Não
13. Você usa a internet para pesquisar informações de saúde ANTES de ir ao médico?
- a) Sim.
 - b) Não.
14. Você usa a internet para pesquisar informações de saúde DEPOIS de ir ao médico?
- a) Sim.
 - b) Não.
15. Com qual frequência você usa a internet para pesquisar informações sobre o profissional de saúde com que você pretende marcar uma consulta?
- a) Sempre.
 - b) Ocasionalmente.
 - c) Nunca.

16. Com qual frequência você usa a internet para participar de redes sociais ou fóruns de discussão relacionados a saúde ou doença?

- a) Sempre.
- b) Ocasionalmente.
- c) Nunca.

17. Você já utilizou a internet para pesquisar informações sobre medicamentos?

- a) Sim
- b) Não

18. Você já utilizou a internet para se automedicar?

- a) Sim
- b) Não

10. ANEXO

OFÍCIO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

